



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ANGLO-GERMÂNICAS**

LINDALVA DA SILVA DA ROCHA

**O GRAFITE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Rio de Janeiro

2022

LINDALVA DA SILVA DA ROCHA

LEITURA SEMIÓTICA DO GRAFITE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de aprovação ao Curso de Licenciatura em Português-Alemão.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Souza Gomes

Rio de Janeiro

2022

LINDALVA DA SILVA DA ROCHA

O GRAFITE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de aprovação ao Curso de Licenciatura em Português-Alemão.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Souza Gomes

APROVADA: ____/____/____

Banca Examinadora:

.

Departamento de Vernáculas

Prof. Membro da banca

Departamento de

Prof. Membro da banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, que me deu força para concluir esta etapa de minha vida. Sou grata e dedico este trabalho a minha família, minha mãe, minhas irmãs Vânia, Tula Rocha, Eunice, Marli, meus irmãos Cláudio, Carlos, aos meus sobrinhos, Ricardo, Bruno, Tula Lemmertz, Lisa Rominj, Pim Rominj e meu amado sobrinho e afilhado Eduardo Sesana (in memorian), aos meus cunhados João e Paulo e as minha cunhada Selma.

Gratidão imensa pela minha gata Lohrah que passou muitas noites em claro ao meu lado em gesto de amor incondicional.

Aos meus anjos guardiães que sempre me acompanham. E não poderia esquecer jamais dos amigos que me apoiaram. Marcelo Silva, Kátia Torres, Janaína Cunha e Lourenço Rostirolli, Will e Marco Cardoso, por me ouvir em momentos difíceis e por proporcionar nas circunstâncias desse desafio, momentos mágicos.

Um agradecimento especial a minha amada mãe Andrelina da Silva da Rocha, pois sem ela nada poderia acontecer e agradeço o seu exemplo de determinação e luta.

Aos Professores e a todas as pessoas que contribuíram na longa jornada acadêmica.

À professora orientadora Regina Gomes por toda a força, dedicação e carinho, pela oportunidade e apoio durante todo o processo com a mediação do conhecimento que me ajudou a chegar aqui.

À Universidade, aos docentes, diretores, coordenadores e à administração por proporcionar o devido acolhimento que obtive todos esses anos.

Somos o que fazemos, mas somos,
principalmente, o que fazemos para
mudar o que somos.

Eduardo Galeano

RESUMO

Neste trabalho, busca-se analisar o processo de figurativização e tematização, a partir da Semiótica Discursiva, de dois grafites no Metrô da estação do Acari, Rio de Janeiro, registrados em imagens fotográficas. O grafite é uma arte que enriquece a paisagem urbana, por ser uma arte experimental e de caráter social. Os grafites analisados mostram imagens do subúrbio carioca, com a característica da aglomeração das grandes cidades, sem a presença da natureza verde e com o colorido das mudanças ambientais, devido ao crescimento desordenado das muitas casas sobrepostas e do pixe. Para o desenvolvimento desta pesquisa, contextualizamos o *corpus* com informações sobre técnicas da grafiteagem, sintetizamos o referencial teórico, mostrando sua relevância na interpretação do significado, aplicado às imagens no muro dos grafites escolhidos. Pelo olhar da leitura empreendida, permitiu-se ampliar o horizonte visual pautado na compreensão do conteúdo artístico, especialmente na paisagem das áreas que envolvem espaços populares, no sentido de captar e compreender a ação e conceitos relativos a essa expressiva arte, que retrata o comportamento e os procedimentos da vida no ambiente suburbano, engajando-se neles, garantindo a cada artista a expressão de sua identidade e familiaridade com o espaço em que vivem. Tendo como ponto em comum na análise realizada o ambiente aglomerado de pessoas, um item comum nas grandes cidades e, em especial, dos bairros populares, a arte do grafite se mostra fundamental para a expressão artística dos jovens dessas áreas.

Palavras-chave: grafite, semiótica, figuras, temas.

ABSTRACT

A greater understanding is sought in the process of interpreting graffiti figures, an art that most often enriches the urban landscape as it is an experimental and social art, having as a starting point its incursion into the semiotic generative path. The graffiti in the city of Rio de Janeiro shows two images of the carioca suburb with the characteristic of the agglomeration of large cities, without the presence of green nature and with the color of environmental changes due to the disorderly growth of the many overlapping houses and the graffiti on the outside. of the subway car. the research path involves the contextualization of the corpus in which the technical information of graffiti is enumerated.

In the theoretical framework, the approach was about the mechanism of Semiotics and its relevance in the interpretation of meaning with a specific approach in the images on the wall of the marvelous city. of the visual horizon guided by the understanding of the artistic content, especially in the landscape of the areas that involve popular spaces, in the sense of capturing and understanding the action and concepts related to this expressive art, which approximates the behavior and procedures of life in the suburban environment. Ensuring each artist the expression of their identity and familiarity with and space in which they live. Figures that are performed to report criticisms and other types of claims many times. Having as a common point in the analysis carried out the crowded environment, a common item in the big cities of capitalism, Despite this, the art of graffiti is and fundamental for our young people to have access, interest and pleasure in art. Reserving to her more than a simple look but the breadth of her imagination through understanding and reading in the light of the theory of semiotics.

Keywords: Graphite, Semiotics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O GRAFITE NA CIDADE: A CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS	9
1.1 O estágio pré-operatório do grafite	10
1.2 Fase operacional do grafite	10
1.3 O espaço cênico	10
1.4 A velocidade	11
1.5 A precariedade	11
1.6 Estágio pós-operatório do grafite	11
1.7 Temática e visibilidade do grafite	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	...13
2.1 O percurso gerativo	13
2.1.1 O nível fundamental	14
2.1.2 O nível narrativo	14
2.1.3 O nível discursivo	14
2.2 Figurativização e tematização	15
3 ANÁLISE	17
CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

INTRODUÇÃO

A falta de oportunidade dos jovens das periferias, que muitas vezes não recebem a devida atenção pelas autoridades, se faz presente nas artes urbanas, em especial o pixe e o grafite. Nesse contexto, tomamos como principal objetivo sinalizar a importância da compreensão da arte urbana através da semiótica, uma ciência extremamente interessante, que vai auxiliar na interpretação das imagens. Ao voltarmos nosso olhar para essa expressão artística, torcemos para que haja mais investimentos para que possam surgir, de maneira educativa, projetos que contemplem esses jovens carentes, dando-lhes espaço para exprimir-se e, quem sabe, lhes garantir uma profissão como fonte de sustentabilidade. Para tanto, tomamos como objetivo dessa pesquisa, o grafite.

Desde o início dos tempos, o homem já fazia sua arte nas cavernas, por pinturas rupestres. Uma arte livre que foi utilizada para comunicação e hoje podemos perceber, nos espaços públicos, uma manifestação correlata, com o magnetismo da sua beleza, que atrai a atenção das pessoas pela imposição figurativa em conjunto com a mensagem que ela deixa transparecer. Sua característica está na exibição de seus manifestos, posições políticas e registros que fazem parte da história do grafite. Uma prática que gera trabalho e renda.

A mensagem a partir dos sistemas de significação do grafite no espaço urbano é o foco principal desta pesquisa. Isto leva a entender que o grafite, além de ser uma expressão artística da contemporaneidade, produz linguagem codificada por sistemas de signos em um espaço urbano em que os muros, paredes, fachadas, entre outras, são utilizados como suporte. Com simples ferramentas, essa iniciativa artística atrai uma dimensão de observadores conquistados a partir da criatividade do artista, levando a abrangência interpretativa sem limites com seu fácil acesso pela exposição nas diversas telas de alvenaria como os muros, fachadas prediais e em outros espaços centrais de um bairro ou de uma cidade.

Além disso, o grafite também acompanha outros movimentos como hip hop, um ritmo musical, nas quais as figuras dos grafites revelam a realidade vivida nas ruas. O movimento, Rap e dança Break nos anos 90 caracterizam a arte dessa época.

A monografia será pautada sobre a apreensão de alguns dos sentidos produzidos nos discursos pelos procedimentos de figurativização e tematização, tendo como base a semiótica

discursiva de linha francesa, de duas imagens de grafites expostos em muros do Metrô carioca, nos bairros cariocas de Triagem e Acari. Os nomes dos artistas desses grafites não puderam ser recuperados nesta pesquisa, caracterizando-se as obras, como assinalado no primeiro capítulo, pelo anonimato.

Esta monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro irá discorrer sobre o grafite, suas formas de produção e características. No segundo capítulo, foi abordado o referencial teórico com a explicação do percurso gerativo do sentido, base metodológica de análise do sentido, dando especial atenção aos processos de tematização e figurativização, que são as categorias de análise escolhidas para esta monografia.

No terceiro capítulo, temos a análise das imagens dos grafites, com suas relações isotópicas e os valores ideológicos relacionados.

Temos a proposta da sistematização dos princípios semióticos, capazes de dar conta do propósito que a semiótica propõe na compreensão de como o sentido se organiza em objetos dos mais variados temas que a arte grafite apresenta.

Os semioticistas e teóricos abordados nesta monografia estão Greimas, Gomes, Mancini e Barros, que trouxeram contribuições para as análises aqui desenvolvidas, permitindo a compreensão das estruturas discursivas e seu sentido.

1 O GRAFITE NA CIDADE: A CONTEXTUALIZAÇÃO DO *CORPUS*

O grafite corresponde a um conjunto de mensagens, filtradas pelo anonimato e espontaneidade de artistas que, ao se expressarem, o que comunicam violam uma proibição para o território social em que se manifestam. "Na verdade, o conceito de grafite o indica como um fato público, irreverente, escrito em tom satírico. Já foram chamados até de vozes de vandalismo que se materializam por elementos gráficos, pictóricos, tanto pincel quanto 'spray'" (SILVA, 1986) .

Dessa maneira, esta arte, que brinca com cores por trás das mensagens, domina uma categoria de comunicação de massa, devido à observação de grande número de pessoas.

Para a análise dos grafites realizados no muro do metrô da cidade do Rio de Janeiro, começamos por nos basearmos nas considerações propostas por Silva (1986) para a caracterização do grafite, em seu livro "Uma cidade imaginada: grafite e expressão urbana", que considera a obediência a sete valências para que o essa expressão artística seja reconhecida como tal.

As sete indicações funcionam como correlatas, que são: a marginalidade, o anonimato, a espontaneidade, a encenação, a precariedade, a velocidade e a transitoriedade. Marginalidade, anonimato e espontaneidade são pré-operatórias. Já a encenação, precariedade e rapidez se relacionam aos aspectos materiais e, na última etapa, são chamadas operatórias e é nesse estágio que se dá a realização da arte do grafite, uma fase efêmera, a qual corresponde a um correlato pós-operatório.

1.1 O estágio pré-operatório do grafite

Esta é uma etapa considerada a preparação para o grafite, ela antecede ao seu registro e é notória para a realização da inscrição com o 'spray'.

A valência da *marginalidade* é responsável por revelar a mensagem assistida pelo observador e é a que apresenta uma ideologia ou um pensamento de concordância, retratado pela realidade das pessoas que habitam em um espaço urbano.

O *anonimato* se refere à propriedade que o autor do grafite tem de reservar-lhe a sua autoria; ou abreviar seu nome, assinando somente com as suas iniciais, pois vários dos grafites feitos na cidade do Rio de Janeiro são apresentados com pseudônimos.

A *espontaneidade* indica a realização do grafite em momento apropriado para o criador do grafite. Nesta valência, o grafiteiro aproveita o melhor momento para expressar a sua imaginação, sem nenhum espectador por perto. É por isso que a noite, ou a madrugada é a sua melhor opção, assim como os lugares vazios.

1.2 Fase operacional do grafite

O que dá origem à segunda fase do grafite é a aplicação dos três valores pré-operatórios: funcionam como correlatos (*encenação, velocidade, precariedade*). Esta segunda etapa preocupa-se em garantir os aspectos materiais para a realização do mesmo, tanto o local, quanto os materiais que servem para a encenação do grafite.

1.2.1 O espaço cênico

É o ambiente adequado à escolha do artista grafiteiro para a realização da sua arte. Um espaço característico de local público como rua, viela, avenida, que seja vistoso. No que lhe concerne, esse correlato contempla os materiais a serem utilizados pelo grafiteiro (pinturas, materiais, estilo, desenho e formas) A encenação do grafite exerce grande influência sobre os observadores, visto que deve atingir o impacto necessário para poder transmitir o que o grafiteiro deseja.

1.2.2 A velocidade

A velocidade tem relação com o grau de tempo que o grafiteiro vai utilizar para transmitir a sua proposta desejada. Conforme a afirmação a ser transmitida e o grau de dificuldade da elaboração do grafite, o fator que mais importa é o tempo, o espaço e a cena para a arte ser realizada no menor tempo possível.

1.2.3 A precariedade

Essa valência, que tem como foco o controle sobre o custo dos materiais utilizados no grafite. O fator que conta é que esta atividade deve ter um custo baixo; embora a impressão seja de alto impacto para o público que a observa. De fato, grande parte dos materiais empregados nos grafites encontrados na cidade sofrem grandes variações de ‘sprays’, tintas a óleo e acrílicas, marcadores, canetas, materiais pontiagudos, entre outros.

1.3 Estágio pós-operatório do grafite

A transitoriedade é uma valência do último estágio, o pós-operatório, antes precedido pelos estágios pré-operatório e operatório, em que abriga sobre o tempo de vida que o grafite tem, pois, quanto mais censurada for a mensagem por ele transmitida, mais comprometida vai ser a sua vida útil.

1.4 Temática e visibilidade do grafite

No que diz respeito aos diferentes tipos de temas como referência do grafite na cidade, podemos observar cerca de onze grupos temáticos gerais: social, político, criminal, religioso, preventivo, estudantil, rústico, hip hop, sindicalista, feminista e publicitário. Segundo Diego (1997, p. 218), o ambiente espacial do grafite é dividido em seis classes de observação, a destacar:

- Display fixo: situação em local de grande visibilidade e trânsito lento, acessível a qualquer espectador;
- Expositor em movimento: a obra de grafite é concebida para ser observada em movimento;
- Exposição com espectador móvel: neste caso, a obra está localizada em locais de trânsito rápido. O período de tempo para observação é geralmente reduzido a alguns segundos.
- Experimentação ou aprendizado: geralmente são obras transitórias na carreira de um grafiteiro, localizadas em locais conhecidos do grupo, com pouca ou nenhuma

visibilidade pública e que costumam servir como pontos de encontro e trabalho ocasionais, principalmente para os mais jovens;

- Dialética ou interação como grupo: nesse caso, a comunicação estabelecida é frequentemente restrita a membros da comunidade de escritores, devido ao uso abundante de terminologia específica ou à referência a problemas e aspectos específicos do mundo cultural do Hip Hop;
- Comercial ou personalizado: alta visibilidade pública a partir de exposição ou museu, em locais fechados como galerias de arte, museus, dentro de prédios, etc.

Tendo apresentado, sumariamente, as características da arte do grafite, em sua forma de produção e disposição no ambiente urbano, apresentaremos uma síntese dos fundamentos teóricos que serão aplicados à análise.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a semiótica de linha francesa, o sentido surge da oposição entre elementos, ou seja, surge da diferença, e isso é crucial para análise dos textos, em seus níveis mais abstratos. A semiótica parte do plano do conteúdo dos textos, tomado separadamente do plano da expressão, considerando que aquele se organiza sob a forma de um percurso gerativo do sentido, como veremos adiante, ao serem desenvolvidos os fundamentos teóricos desta pesquisa.

A semiótica francesa tem, como diretriz, o estudo da construção do sentido textual, seja ele qual for (verbal, visual, sincrético, situacional, etc.); ou seja, ela tenta dar conta dos processos de significação e do engendramento de significado. A teoria, desde o início da sua proposição, sofreu mudanças e evoluiu e continua a sua trajetória. Segundo Greimas (1970), esta concepção teórica é como uma atividade de construção ou, melhor ainda, como um projeto coletivo de construção teórica. Isso leva a pensar que a semiótica está em processo de se desenvolver, de se reparar, de se corrigir, de se refazer e de se modificar. O desenvolvimento da semiótica se deu principalmente pela recuperação de questões teóricas e objetos de análise inicialmente deixados de lado: os da enunciação, da oralidade e da expressão.

A linguagem, de certo modo, não é apenas descritiva e informativa, ela não apenas descreve o mundo como é, mas é problematizadora dele. A Semiótica tem como vocação apontar esse aspecto da linguagem e suas rupturas. Assim, a metodologia semiótica, que está baseada nesse olhar com base nessa perspectiva de busca dos efeitos de sentido, como uma resposta ao processo de significação mais do que de um produto. Abrange uma grande gama de discursos, como o religioso, ou o discurso político, ou os discursos da propaganda, ou os discursos de arte, entre outros. É nessa perspectiva que é perfeitamente aplicável à explicação das artes urbanas.

A semiótica busca investigar como se dá a construção de sentido nos textos e quais ferramentas são utilizadas para tal, isto é, ela procura explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz (BARROS, 2011, p. 7). Portanto, a teoria semiótica parte da ideia de que é importante conseguir reconhecer quais estratégias estão sendo utilizadas na construção dos sentidos de um determinado texto. Como afirma Gomes, “Em segundo lugar, é necessário saber

que ler e interpretar não se restringe a apreender os sentidos possíveis de um texto, mas também compreender as estratégias e os recursos empregados para construir esses sentidos, ou seja, o modo de dizer” (GOMES, 2008, p. 2).

2.1 O percurso gerativo do sentido

A semiótica concebe a produção do sentido dos textos sob a forma de um percurso gerativo. Esse percurso não é o da produção tal qual construída pelo realizador da ação da construção textual, mas é uma proposição teórica que busca explicar os mecanismos subjacentes que constituem os textos. Concebe que os todos os textos tem uma lógica interna, o que parece abranger objetos semióticos diversos e de textos de gêneros e tipologias as mais variadas. O percurso gerativo do sentido é constituído de três níveis, com uma gradação que vai do mais abstrato ao mais concreto: o *nível fundamental*, mais abstrato e simples, o *nível narrativo*, intermediário, e o *nível discursivo*, mais concreto e complexo. Todas essas etapas são observadas no plano do conteúdo das linguagens. A seguir, explicaremos sinteticamente cada uma dessas etapas.

2.1.1 O nível fundamental

Na etapa inicial do percurso de geração do sentido, é o nível fundamental que determina a presença mínima necessária de sentido para a construção de um texto. É nesta fase que se percebe a relação de oposição entre termos contrários de categorias semânticas que explicam os níveis mais profundos de abstração do texto. Os elementos contrários entre si definem uma mudança mínima de estado, chamada de eufórica quando for positiva ou disfórica quando for negativa. Como exemplo de oposição básica, pode-se citar os valores *liberdade versus dominação*. A depender dos textos, a *liberdade* pode ser valorada como eufórica, se for apresentada como positiva, ou disfórica, se for mostrada no texto como negativa. Pode parecer que a liberdade ou a vida sejam sempre valores positivos, mas não é isso o que acontece nos textos. O discurso de certos fundamentalistas, que pregam a excelência do martírio, por exemplo, valorizará positivamente a morte e negativamente a vida,

ao passo que o discurso sobre a felicidade como algo do aqui e agora possivelmente considerará a vida como valor positivo e a morte como negativo (FIORIN, 2016, p. 23).

Essas categorias projetam também outras, contraditórias, negativas. No exemplo dado, temos a não-liberdade e não-dominação, que também podem estar presentes nos textos. A identificação desses valores abstratos e sua valoração de cada um como eufórico e disfórico fazem parte dos estudos da semântica fundamental.

A partir dessa percepção, podemos observar nos textos um percurso, que indica a direção que o sentido toma no texto. Considerando o exemplo dado, se considerarmos que a dominação é disfórica e a liberdade eufórica, o texto pode partir da dominação para a liberdade, seguindo a seguinte direção: dominação -> não-dominação -> liberdade. A orientação sempre se faz da afirmação de um valor, negação desse valor e afirmação do valor contrário. Esse estudo faz parte da sintaxe fundamental.

2.1.2 O nível narrativo

O nível narrativo é o intermediário, que prevê a inclusão de um sujeito que busca esses valores identificados no nível fundamental, agora convertidos em objetos-valor. Este nível não é só formado por uma sintaxe, mas também por uma semântica, tal qual acontece no nível fundamental. A semântica se ocupa dos valores inscritos nos objetos com os quais os sujeitos mantêm uma relação de transitividade. A sintaxe estuda as relações de transitividade tanto entre sujeitos quanto entre sujeitos e valores.

O conceito de narratividade abarca, assim, tanto as relações de transitividade entre sujeitos – e seu fazer – e objetos (os valores), quanto as relações de comunicação entre sujeitos (tomados como destinador e destinatário). Tomando como base esse conceito, o trabalho do analista consiste em observar as relações entre sujeitos e objetos (enunciados de estado) e as operações que permitem a passagem de um estado a outro (enunciados de fazer) que, organizados, se estruturam em programas narrativos (um enunciado de fazer que rege outro enunciado de estado). Delinear-se-ão, então, os percursos narrativos, que se organizam pelo encadeamento lógico dos programas narrativos, configurando uma sequência canônica: manipulação, competência, performance e sanção (GOMES, s. d.)¹.

¹ Material mimeografado disponibilizado pela autora.

Os objetos podem ser de valor ou modais. Os últimos caracterizam-se por serem necessários para se adquirir o de valor, para a realização da ação principal. Os objetos modais são o querer, o dever, o poder e o saber. Os objetos de valor ou descritivos são aqueles com que os sujeitos entram em conjunção ou disjunção na realização da performance (GOMES, 2007, p. 53).

As narrativas se organizam em programas e percursos, que formam as sequências narrativas. Os programas explicam a junção do sujeito com o valor e suas transformações. Os percursos são os do destinador-manipulador, do sujeito de fazer e o do destinador-julgador. Esses percursos explicam as quatro fases da narrativa: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

A manipulação explica as motivações para a ação, ou seja, há um sujeito que faz o outro querer e/ou dever fazer, praticar alguma ação. Mas, para que uma ação seja realizada, não basta querer ou dever fazer a ação, é preciso também ter competência para agir.

A competência é a etapa em que o sujeito adquire um saber e um poder, que permitem a realização da ação crucial da narrativa pelo sujeito manipulado. Tornado competente, o sujeito efetiva a performance, a etapa em que se dá a transformação essencial da narrativa. O sujeito do fazer, então, estabelece uma relação de conjunção ou disjunção com o objeto-valor e se torna um sujeito realizado, que consegue a transformação e a junção com o valor

A etapa que se segue é a da sanção. Nessa fase, o fazer do sujeito será julgado positiva ou negativamente, de acordo com o sistema de valores acordados na manipulação. A sanção, podendo ser pragmática ou cognitiva, assegura a manutenção dos valores contratados (GOMES, 2007, p. 52).

2.1.3 O nível discursivo

“O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual” (BARROS, 2011, p. 53).

O nível do discurso é aquele em que a estrutura narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação – formado pelo enunciador e o enunciatário, pertencentes à enunciação

pressuposta – e o narrado e narratário, pertencentes à enunciação enunciada, são projeções do produtor (enunciador) e intérprete (enunciatário) do texto enunciado. Essas categorias são consideradas actantes da enunciação e do enunciado, que são elementos concretos no texto, identificados por suas interações, e concretizados pelos atores, figuras que na verdade são as personagens. As projeções da enunciação no enunciado (que podem ser feitas por um eu-aqui-agora ou por um ele-lá-então, sendo formas de presença do narrador no enunciado) e as interações entre enunciador e enunciatário, de natureza argumentativa, são estudadas na sintaxe discursiva.

Ainda na etapa discursiva, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude. Assim, a conjunção com a riqueza aparecerá no nível discursivo como roubo de joias, entrada na posse de uma herança, descoberta de uma mina de ouro, aplicação bem-sucedida na Bolsa de Valores, recebimento de um grande prêmio de uma loteria, etc. (FIORIN, 2016, p.41). É o que se chama de figurativização e tematização. Assim, há lexemas no texto organizados em percursos que remetem a uma representação do mundo (natural ou construído ficcionalmente), que são as figuras, e há lexemas também organizados em percursos que explicam, organizam e interpretam as coisas do mundo, que são os temas. Essas estruturas compõem a semântica discursiva, que explicaremos melhor no próximo item, já que são as categorias que iremos usar para a análise.

2.2 Figurativização e tematização

Segundo Greimas (1970, p. 37), o texto plástico se refere às articulações taxonômicas as quais constituem um dos aspectos da análise dos objetos planares. O autor diz que as figuras plásticas, na sua performance em superfícies, ainda não revelam nada sobre a organização sintagmática, capaz de tratar dos objetos como processos semióticos, ou seja, os textos significativos, e nos dá como exemplo alguns textos plásticos para que possamos perceber a relevância da configuração no efeito de sentido, considerando sua divisão nas três etapas do percurso gerativo. Cada qual com sua própria gramática, e contextualizado com os demais. A semântica discursiva faz parte da etapa mais superficial, com que analisaremos os objetos plásticos que são os grafites.

A figurativização discursiva tem variadas funções nos discursos e lida com os temas, em que a determinação sócio-histórica e ideológica dos discursos acrescentam coerência semântica com a tematização, nos textos temático-figurativos. Os valores ideológicos são transmitidos com a participação de estratégias de persuasão argumentativa, em discursos temáticos, com abordagem das figuras ocasionais e esparsas, e também com a concretização dos temas abstratos, produzindo efeitos de realidade; criando efeitos de concretização sensorial e proporcionando "corporalidade" ao discurso e às relações existentes para ambos.

Segundo Corrêa (2016), a abordagem das inscrições urbanas pela teoria semiótica põe em evidência o papel do suporte ao longo da história do movimento artístico-social. Tomadas como práticas semióticas (Fontanille, 2008), as variações de inscrições urbanas ou modalidades são mantidas na relação com na prática e na regra das coerções externas (normas do sistema da arte ou as coerções sociais), em função da busca de reconhecimento, que promove a motivação de todas as práticas.

Para Barros (2004, p.4) o enriquecimento semântico do discurso proporcionado pela figurativização produz efeitos de realidade, de corporalidade e de novidade individual e criativa. O efeito de realidade é obtido pelo uso da figurativização em grau extremo, ou iconização, pois leva ao reconhecimento de figuras do mundo, que o destinatário do texto interpreta como "reais". A chamada pintura figurativa ou a fotografia são bons exemplos de uso do procedimento e criam a ilusão de que são "cópias do real". Se as figuras esparsas dos discursos temáticos tratam de convencer o destinatário pelo exemplo ou pelo modelo, a iconização procura persuadi-lo pelo reconhecimento do "mundo real". São outros sentidos e estratégias (BARROS, 2004, p.4).

Tomaremos como base esses pressupostos teóricos para observar as características do gênero grafite e os procedimentos de tematização e figurativização, mecanismos pelos quais os efeitos de sentido são produzidos (BARROS, 1984, p. 7).

O nível discursivo permite avaliar os efeitos de sentido causados pelas escolhas do enunciador e, como essas escolhas influenciam e orientam o enunciatário diante do discurso. O sujeito da enunciação espalha marcas pelo discurso com o intuito de levar o enunciatário a crer no que foi dito. Há dois procedimentos principais de constituição do sentido nesse nível: do ponto de vista sintático, as projeções de pessoa, tempo e espaço no enunciado, tem as relações

argumentativas estruturadas pelo enunciador e pelo enunciatário; na visão semântica e os mecanismos de tematização e figurativização, que nada mais é, como vimos, que a conversão de valores em temas e definem sua concretização nas figuras (lexemas que representam os elementos do mundo natural construído no texto).

As reflexões acima retomam questões de iconicidade e de motivação, especialmente as dos signos visuais, ditos icônicos (que nos interessam aqui considerando os grafites), procedimentos pelos quais um novo saber sobre o mundo se instaura. Resultante tal saber de ideologias decorrentes das condições sócio-históricas específicas ou de marcas individuais de estilo, os grafites são dotados de originalidade e a criatividade, do grupo ou do indivíduo, que levam a ler o mundo de outras maneiras.

Buscaremos, através da análise do *corpus*, mostrar as orientações argumentativas construídas por meio das figuras e temas que dão concretude aos grafites, mostrando os efeitos de sentido que são criados por meio desses procedimentos.

3 ANÁLISE

A análise que iremos realizar fará a observação dos temas e figuras que estão presentes nos dois grafites escolhidos para a análise. Esses grafites foram colhidos a partir da sua imagem registrada no blog *Literatura, Rio de Janeiro & São Paulo*, de Ivo Korytowski, sem considerar o espaço ao redor e as interações dos passantes com o trabalho artístico, mas a análise do enunciado visual em si mesmo. As imagens, como dissemos, são registros de grafites em muros das estações de Triagem e de Acari do Metrô carioca.

Verificaremos, portanto, o encadeamento coerente de figuras (lexemas de caráter concreto, que representam os seres do mundo natural) e temas (conteúdos de natureza mais abstrata, concretizados pelas figuras ou expressos por lexemas abstratos) (GOMES, 2008 p. 2), nos textos acima descritos.

A seguir, a primeira imagem, da Estação de Triagem, que analisaremos a seguir:

Figura 1 – Estação de Triagem



Fonte: <http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com/2012/11/copa-graffiti.html>

Esta obra foi selecionada a partir da *Copa Graffiti*, promovida pelo metrô carioca com a participação de mais de 80 grafiteiros cujos nomes não foram informados e identificados na pesquisa que fizemos, mas a intervenção é do projeto *GaleRio*, do Instituto Eixo Rio, que é o núcleo de articulação urbana da Prefeitura. Seus painéis exibem a história e a cultura dos bairros, visando a revitalização dos muros que cercam as estações da Linha 2 do metrô do Rio do Janeiro, localizada no subúrbio da cidade entre as ruas Bérnardo e Licínio Cardoso.

Na imagem, temos o tema social já evidenciado, ao observarmos os vagões com passageiros sentados e em pé. Alguns dormindo, aparentando forte fadiga, o que constitui o tema do cansaço, outros concentrados em seus pensamentos, caracterizando o tema da introspecção e há ainda alguns passageiros ouvindo música ou algo alternativo que lhe importe.

Pela visão do artista, a performance da história do lugar se revela como uma verdadeira sucessão cronológica de superação, outro tema assinalado pelo esforço diário dessas pessoas em enfrentar o transporte público, muitas vezes de pé por longos trajetos. O sofrimento, a resistência e o cotidiano do lugar pode ser visto no enquadre da janela do metrô, que parece ser visto pelo observador externo, de fora.

O tema social é um dos mais amplos dos diversos grupos temáticos existentes neste trabalho, seus subtemas podem ser variados, entretanto nos limitaremos a expor apenas algumas das imagens pertencentes a disputa da *Copa Graffiti*.

A seguir, analisaremos a figura 2:

Figura 2 – É sim, aqui em Acari!



Fonte: <http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com/2012/11/copa-graffiti.html>

Este grafite foi produzido no muro do metrô da estação de Acari, cujo enunciado verbal (“É! Sim! Aqui em Acari) faz menção a dois marcos da localidade. O primeiro é a feira de Acari muito conhecida pelos moradores da região e adjacências, chamada pelo pseudônimo “Robauto” (uma aglutinação entre os vocábulos: roubo e auto, embora no radical “rob”, tenha a letra “u” suprimida, registrando na escrita a substância sonora da fala). Neste evento popular, prevalece, em seu comércio ambulante, na sua maioria, mercadorias de procedência duvidosa e de custo abaixo do valor real de mercado.

A segunda referência, de natureza intertextual, ocorre em relação à música de MC Batata, com o título “Feira de Acari”, que é um funk composto por oito estrofes de oito versos e dois quartetos, apresentando o refrão a partir da segunda, da quarta e da sexta estrofes e, por fim, da nona e última estrofe. Esse ritmo forte com baixo elétrico e bateria no fundo tem inspiração africana. Derivado da Soul Music, este gênero musical tem sua raiz no Rhythm and blues e na música gospel norte americana entre os anos 50 e 60 , tendo sua predominância entre a população jovem das periferias.

Além do enunciado verbal, vê-se também ao fundo, a representação de um aglomerado de construções habitacionais, retomando, também no enunciado visual, as referências do

cotidiano e da cultura do local em que o artista está engajado. Os temas da identificação social e cultural, da aglomeração, mas também da vida, da resistência possível, alegria e da arte, relacionadas às cores vivas e fortes das figuras visuais e à intertextualidade da canção.

CONCLUSÃO

As imagens dos grafites apresentados anteriormente mostram elementos próprios do cotidiano e da vivência dos grupos populares, assim como figuras dos espaços e das pessoas que habitam esses espaços, retratando seus comportamentos e modos de vida.

A análise das figuras leva aos temas mais recorrentes como na primeira imagem as pessoas no vagão da estação de Triagem, em que predominam o cansaço, a sonolência, a introspecção, o deslocamento para o trabalho e a forte fadiga. Tudo isso mostra a visão crítica do grafiteiro e a sua identificação com esse lugar em que a sua subjetividade cresce como um grito quando a frase grafitada expõe essa exclamação: “É sim, aqui em Acari!

Como podemos perceber, essa frase remete ao espaço, ao que se pode chamar de debreagem enunciativa, o “eu”, aqui e agora. É evidente a identificação com o espaço, a cultura e a vida cotidiana da comunidade.

E, nesse local, é importante observar a quantidade de casas aglomeradas umas sobre as outras. Fazendo uma interseção entre os dois grafites, observamos que o elemento comum é a lotação, a aglomeração e a explosão demográfica, mas também a marginalidade, tanto a social, retratando o sofrimento das figuras humanas no Metrô, abandonadas à própria sorte, quanto a que remete a atos considerados ilícitos, o “robauto”.

Além disso, o artista faz uma relação intertextual com a canção “Feira de Acari”, que retoma o refrão, que é recriado pelo grafiteiro ao substituir o “lá” da canção por “aqui”, ressaltando uma oposição significativa, incluindo seu pertencimento social e geográfico.

A semiótica, ao tratar as figuras e os temas, permitiu observar essa forma de expressão do pertencimento desse artista no espaço que ele vive, mostrando, pelas relações entre temas e figuras, a construção de uma crítica social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão. **Revista de Cultura e Audiovisual**, (6), 5-12. jan. 1987. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90491>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2002. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2020/04/diana-luz-pessoa-de-barros-teoria-do-discurso-fundamentos-semi3b3ticos-doc-rev-1.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CORREA, Thiago Moreira. Mudanças de suporte na história das inscrições urbanas. **Estudos Semióticos – Portal de Revistas da USP**. v. 17, n 1, p. 72-81, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/181226>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com/2012/11/copa-graffiti.html>

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

GOMES, Regina; MANCINI, Renata. **Textos midiáticos: uma introdução à semiótica discursiva**. 2007. Disponível em: <<http://filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/66.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

GOMES, R. S. **O sincretismo de linguagens em poesias eletrônicas**. 2014 Disponível em: <<https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-trilhas-linguisticas-n.25.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. **Significação: Revista De Cultura Audiovisual**, (4), 18-46. abr. 1984. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90477>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

GREIMAS, A. J. *et al.* **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. 1970. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/80c81n8>>. Acesso em 26 jul. 2022.

KORYTOWSKI, Ivo. Literatura , Rio de Janeiro e São Paulo. Blog Disponível em <http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com/2012/11/copa-graffiti.html>. Acesso em 09/08/2023.